

O DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO EXPRESSÃO DA ELABORAÇÃO INTERNA DA CRIANÇA PEQUENA

Gabriela Garcia da Costa¹
Regina de Jesus Chicarelle²

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo geral refletir sobre a importância da inserção do desenho como uma ferramenta de auto-expressão da criança pequena no contexto da prática pedagógica da Educação Infantil. Deste modo, objetiva apresentar as definições das fases do desenvolvimento do desenho infantil, além de descrever as possíveis ponderações sobre a prática pedagógica acerca do desenho no cotidiano da Educação Infantil compreendendo também a importância do papel do professor nesse processo, de forma que contribua para a criança expressar-se sem padrões ou estereótipos. Recorremos a alguns autores contemporâneos que estudaram sobre o desenho como maneira de expressar seus sentimentos, suas emoções, suas percepções e sua imaginação, os quais são: Lowenfeld (1977), Luquet (1969) e Piaget (1948). A metodologia adotada neste trabalho é de caráter qualitativo e bibliográfico, utilizando como fontes livros, artigos e monografias que abordam a temática. Foram evidenciadas que quando a criança pequena desenha ainda não há percepção da ideia do que ela quer mostrar e por isso nem a semelhança do real objeto a ser representado, pois o desenho inicia com os rabiscos sejam eles nas fases desordenadas ou ordenadas. No entanto, o que importa é a intenção de representar da forma que ela entende. Em vista disso, conforme o pensamento da criança evolui, os traçados se transformam desenvolvendo suas fases e é necessário destacar que isso ocorrerá se for dada a oportunidade e a motivação através da mediação do professor, sempre valorizando sua criação. Desta forma, evidencia-se o olhar voltado ao desenho imbuído de contribuições significativas na prática pedagógica.

PALAVRA-CHAVE: Desenho. Educação Infantil. Expressão.

ABSTRACT: The present study has as general objective to reflect on the importance of the insertion of the drawing as a tool of self-expression of the small child, in the context of the pedagogical practice of Early Childhood Education. In this way, we aim to present the definitions of the phases of the development of children's drawing, in addition to describing the possible considerations on the pedagogical practice about drawing in the daily routine of Early Childhood Education, also understanding the importance of the teacher's role in this process, in a way that contributes to the express themselves without patterns or stereotypes. We used some contemporary authors who studied

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá

² Professora Doutora do Departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá

drawing as a way to express their feelings, emotions, perceptions and imagination, which are: Lowenfeld (1977), Luquet (1969) and Piaget (1948). The methodology adopted in this work is of a qualitative and bibliographic character, using books, articles and monographs that address the theme as sources. It was evidenced that when the small child draws there is still no perception of the idea of what he wants to show and therefore neither the similarity of the real object to be represented, because the drawing starts with the scribbles, whether they are in the disordered or ordered phases. However, what matters is the intention to represent the way she understands. In view of this, as the child's thinking evolves, the outlines are transformed by developing their phases and it is necessary to highlight that this will happen if the opportunity and motivation is given through the mediation of the teacher, always valuing his creation. In this way, I will highlight the look towards drawing as significant contributions to pedagogical practice.

KEYWORDS: Drawing. Child education. Expression.

1. INTRODUÇÃO

Durante a infância, uma das formas de registro que possui grande significado é o desenho. É por meio dele que a criança pequena pode se comunicar ao contar uma história ou explicar algo, expressando acontecimentos vividos e suas emoções. É importante destacar que, o desenho é uma ferramenta rica na formação da criança, na qual nos ajuda a conhecê-la, ouvi-la e ensiná-la. A ação de desenhar da criança, acontece de forma espontânea, conforme seus hábitos e suas interações sociais.

Na educação infantil, o desenho tem grande importância na vida da criança, o qual percorre juntamente com ela as diferentes fases do seu desenvolvimento. O desenho é para a criança uma atividade lúdica que aumenta sua imaginação, estimula a expressão, a criatividade e o seu desenvolvimento intelectual.

O interesse por esse tema surgiu pela primeira experiência com a Educação Infantil, ao atuar com estágio remunerado, em uma escola privada na região Noroeste do Paraná. Na referida escola, obtive contato com turmas de várias idades, desde os bebês até a faixa etária de cinco anos de vida. Acompanhei, os desenhos realizados pelas crianças, dos rabiscos até os desenhos mais ordenados com a presença de cores, contornos e formatos. Foram experiências valiosas, porque além de observar a maneira como cada

criança se expressava nos desenhos, eu pude presenciar a mediação pedagógica do professor nesses momentos.

A experiência anteriormente relatada, foi possível porque eu cumpria o segundo ano do curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Maringá, bem como realizava os Estágios Curriculares Supervisionados obrigatórios. Todo o conhecimento teórico-prático por mim apropriado no âmbito da graduação, permitiu-me compreender com nitidez, dentre outros pontos, o importante papel do professor no processo de desenvolvimento e em especial, a auto-expressão da criança.

Em contrapartida, no referido trabalho como estagiária, notava a grande ausência da proposição do desenho como forma de auto-expressão da criança. Em grande parte, a criança era orientada pelo professor a seguir uma forma padrão, praticamente pronto, apenas para ela colorir. Diversas vezes, nesse cotidiano da Educação Infantil, constatei a inserção do desenho como um passatempo, composto por atividades estereotipadas.

O professor por sua vez, parecia não reconhecer a importância de utilizá-la de forma criadora em sala para assim torná-la uma atividade prazerosa para a criança permitindo ajudá-la a lidar com a realidade que a cerca, representando suas emoções e as situações que lhe interessam.

Nesse sentido, torna-se imprescindível questionar: o desenho pode ser uma ferramenta genuína de auto-expressão da criança pequena, no contexto da prática pedagógica da Educação Infantil?

A hipótese, delineada inicialmente, esteve pautada na compreensão de que a partir dos trabalhos analisados, a abordagem do tema traz a grande relevância que o desenho tem como expressão das elaborações internas da criança pequena e a necessidade do professor, como principal mediador, inserir o desenho como prática pedagógica tendo um olhar atento para suas fases no desenvolvimento da criança.

Diante disso, o objetivo geral do presente estudo é refletir sobre a importância da inserção do desenho como uma ferramenta de auto-expressão da criança pequena, no contexto da prática pedagógica da Educação Infantil. Nessa empreitada, foi necessário delinear os seguintes objetivos específicos: 1) sistematizar as definições das etapas do desenho infantil, na perspectiva de compreender as fases no desenvolvimento da criança; 2) descrever as

possíveis ponderações sobre a prática pedagógica acerca do desenho no cotidiano da Educação Infantil; 3) compreender a importância do papel do professor na proposição e inserção do desenho na prática pedagógica, de forma que a criança possa expressar-se sem padrões ou estereótipos.

Quanto ao referencial teórico que baliza o presente estudo, apoia-se em ideias e pesquisas produzidas por alguns autores como: Lowenfeld (1977), Luquet (1969) e Piaget (1948). Estes sistematizam e qualificam as etapas do desenho infantil, bem como a interpelação com o desenvolvimento da criança. Tais autores apresentam conceitos semelhantes, no entanto, são mencionadas suas particularidades teóricas.

A metodologia da presente pesquisa está apoiada na abordagem qualitativa porque ela nos permite entender informações, as concepções mediante o processo e realidade do objeto de pesquisa, conforme destacam Lüdke e André (1996). Assim também, esse estudo possui caráter bibliográfico e nos recorreremos a Fonseca (2002, p. 32), para explicar e fundamentar que: “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos”.

Com base nos referidos conceitos anteriormente citados, os procedimentos metodológicos no decorrer da elaboração do presente artigo foram assim estabelecidos: revisão literária em obras primárias e secundárias, contando com livros e periódicos científicos, realizando leituras e fichamentos sobre os livros, artigos e monografias encontradas na plataforma de pesquisa online google acadêmico, com ênfase nos últimos cinco anos, buscando referenciar autores que abordem o tema desenho na educação infantil.

O estudo organiza-se em duas sessões, sendo que a primeira aborda brevemente as definições do desenho infantil e suas fases no desenvolvimento da criança pequena, de acordo com os autores estudados. Em seguida discorrerei, através dos trabalhos analisados, sobre a inserção do desenho na prática pedagógica na educação infantil, bem como a importância do papel do professor nesse processo.

2. O DESENHO INFANTIL E AS FASES NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA PEQUENA

O desenho é a uma forma de expressão e linguagem. Ao desenhar, a criança manifesta, sua imaginação e criatividade, assim também suas emoções, como: alegria, amor, raiva ou tristeza, além de nos contar suas ideias, seus desejos e os seus sentimentos. A partir do momento em que a criança descobre que com o lápis, caneta, giz de cera, pedras ou gravetos, ela pode deixar marcas no papel, no chão, na terra ou na areia, o seu processo de desenvolvimento se intensifica exponencialmente junto às etapas que perpassam o próprio desenho.

Desde a pré-história, o desenho faz parte da vida humana. Naquela época, as pessoas desenhavam nas paredes das cavernas como forma de se comunicarem e se expressarem antes de firmar uma linguagem verbal. A cada época foi desenvolvido um sistema diferente de desenhar até chegarmos aos dias de hoje. Na Antiguidade, por exemplo, o desenho era algo sagrado e era feito para representar seus deuses.

Com o desenrolar da história humana, no passar dos séculos, bem como nos dias de hoje, o desenho passa a ser utilizado de formas diferentes tornando-se também um precursor da linguagem escrita.

Uma criança que está garatujando aos quatro anos de idade pode começar a dar nomes a algumas partes de seu desenho e a relacionar este com objetos estranhos a si própria. As linhas podem subir e descer de um lado a outro da página, e ela dirá que se trata de um cachorrinho correndo (BRITAIN; LOWENFELD, 1997, p. 91).

O desenho tem uma relação muito próxima com o desenvolvimento da escrita, a qual, como salienta Lowenfeld (1970), acontece em especial, por meio da imitação da escrita adulta. Quando a criança traz objetos vistos ao seu redor, para o papel, ela lida com os elementos do seu cotidiano. Por exemplo, quando a criança veste a roupa da mãe, nessa ação de imitação, pode ser vista como o início de sua trajetória em entender o papel da mãe ou da mulher no contexto social, no qual está inserida. Assim também, ocorre ao desenhar, a diferença é que ela não usa só o corpo, mas principalmente, a percepção visual

e a motricidade. No entanto, sempre proveniente de perspectivas e circunstâncias diferentes, entre o modo em que a criança e o adulto veem o desenho.

É necessário compreender as fases do desenvolvimento do desenho para que assim o professor possa estimular a sua criação da criança. Nesse sentido, Lowenfeld (1970), destaca que “é através de atividades criadoras que a criança desenvolve sua própria liberdade e iniciativa [...]” (LOWENFELD, 1970 p. 16). Para o autor, o desenho é dividido na idade infantil em três fases: garatujas, pré-esquemática e esquemática.

A fase das garatujas se inicia pela criança de dois anos, quando ela percebe que com um lápis ou um outro instrumento, ela pode deixar marcas em alguma superfície. Por exemplo, com uma pedra ela pode deixar um registro na areia ou na terra e essa fase se estende até os quatro anos.

Lowenfeld e Brittain (1970) aprofundam os estudos sobre os estágios do desenho simultaneamente ao desenvolvimento infantil, e classificam as garatujas em três etapas: as desordenadas, as ordenadas e as nomeadas.

As garatujas desordenadas são os rabiscos aleatórios em que a criança faz movimentos sem direção certa. Nessa etapa, não há relação entre traço e gesto, a criança mal olha o que se desenha e o seu prazer é somente ao deixar marcas por onde passar o lápis e explorar os materiais dispostos a ela. Ao fazer os movimentos ela usa o braço todo, com as duas mãos, de qualquer forma e não tem preferência pelas cores.

A segunda etapa, chamada garatujas ordenadas, a criança começa a perceber a relação que se tem do movimento e traço e que juntos podem reproduzir diversas formas. Nesta etapa, as formas lhe trazem interesses e os movimentos mais comuns são o de vai-e-vem e os circulares. Aqui começa, apesar de vago, a noção de tamanho e espaço.

A última etapa dessa fase são as nomeadas, que acontece quando a criança passa a nomear seus rabiscos e começa a dar forma humana, ainda que de aparência abstrata. Inicia a partir daqui a vontade de imitar a escrita adulta, contendo maior uso das cores e a tentativa de a criança dar significado real àquilo que ela desenha.

Segundo Lowenfeld (1970), a fase pré-esquemática inicia-se aos quatro anos e permanece até os seis anos. É nesta fase que as formas se tornam

reconhecíveis e cheias de significados, pois a criança desenha da forma que ela lembra e que deseja representar. Inicia-se também uma descoberta de outras formas e símbolos, como as letras, aprofundando o ensaio de escrita, visto na fase anterior.

A última fase apresentada por Lowenfeld (1970) é a esquemática, que começa aos sete anos e podem durar até os nove anos. Aqui ela consegue já ter uma organização de todas as figuras do seu desenho, onde pode-se encontrar uma linha de base, explora sua criatividade e as expressões que deseja representar.

Nos reportando a Piaget (1948), o qual contribui com a compreensão acerca do desenho e o desenvolvimento infantil. Este autor divide o processo evolutivo do desenho e os estágios pelos quais a criança passa, que são: garatuja, pré-esquematismo e esquematismo, seguindo-se uma linha teórica similar à proposta por Lowenfeld (1970).

Segundo Piaget (1948), a garatuja refere-se à fase sensório motora (0 aos 2 anos), passando até a fase pré-operatória. É dividida em garatuja desordenadas apresentando um grande prazer aos rabiscos aleatórios sem importância com as cores. Esta fase conta também com as garatuja ordenadas, fase em que se inicia o “jogo simbólico”, momento este que a criança atribui nomes aos seus desenhos e explica suas histórias.

O segundo estágio proposto pelo autor anteriormente citado, é chamado pré-esquematismo. Neste, a criança já atribui significado aos seus desenhos, utilizando as cores sem a relação com a realidade. Inicia-se aos três anos e segue até aos seis anos.

Por último, de acordo com Piaget (1948), a partir dos sete anos, inicia-se o estágio das operações concretas, onde a criança já apresenta seu pensamento lógico. Na fase do esquematismo começa o uso da linha de base, as formas diferenciadas e as figuras humanas.

Não podemos deixar de mencionar sobre as contribuições científicas de Luquet (1969), um dos primeiros que se dedicou a estudar, além de outros assuntos, sobre o desenho infantil. Em sua tese de doutorado na área de Artes, publicada no ano de 1913, na qual estudou os desenhos de sua filha Simonne, defendeu que a criança desenha buscando a realidade e como forma de se divertir estando envolvida ao meio que ela vive. Para ele, o desenho é dividido

em quatro estágios: Realismo fortuito, realismo fracassado, realismo intelectual e realismo visual.

O realismo fortuito inicia-se aos dois anos e é dividido na fase do desenho involuntário, em que a criança desenha sem intenção de representar algo e se move também pelo prazer ao ver marcas no papel. Já a fase do desenho voluntário, a criança ainda desenha sem intenção, mas acaba por enxergar nos seus traçados algumas semelhanças com objetos que ela conhece.

O segundo estágio é o do realismo fracassado ou falhado, começa na idade dos três anos e a criança procura reproduzir formas exageradas ou omitindo partes, tentando reproduzir formas com que condiz com a realidade. A próxima fase, trata-se do realismo intelectual, iniciando-se aos quatro anos na idade, podendo estender-se até os doze anos, em que a criança desenha não só aquilo que vê, mas aquilo que ela não vê, mas conhece.

O último estágio definido por Luquet (1969), é o realismo visual, o qual pode iniciar aos doze anos, momento em que a criança consegue desenhar com detalhes o que se vê, bem como representar suas perspectivas.

Vale mencionar que os autores anteriormente citados afirmam que as fases do desenho não ocorrem de forma estanque ou linear, mas são parâmetros gerais que orientam o conhecimento, tanto da progressão do desenho, como do desenvolvimento infantil, por parte de profissionais que atuam junto à criança ou pesquisam sobre essa temática.

Isso significa que a criança pode acessar um estágio subsequente sem que tenha superado o anterior. Como ressalta Luquet (1969), é possível ocorrer também o contrário, uma antecipação de experiências de fases posteriores do desenho, sem que ela esteja na faixa etária sistematizada pelo autor. A criança estará transitando entre os estágios, de acordo com as condições intelectuais e sociais nas quais se insere.

Diante das ideias dos autores apresentados, a respeito do desenho, podemos afirmar que eles consideraram a faixa etária, a individualidade da criança e suas vivências. Visto que ela tem seu modo de pensar, de se expressar e que, por meio do desenho ela pode criar, experimentar, explorar e imaginar. Sendo assim, é necessário que, em especial o professor da Educação Infantil, possa compreender as definições e fases do desenho, para

não somente acompanhar, mas contribuir positivamente ao desenvolvimento da criança.

3. A INSERÇÃO DO DESENHO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Na seção anterior, pudemos aprofundar que, desde o nascimento, a criança se encontra em constante e exponencial em aprendizagem e desenvolvimento. Estes, se traduzem no enriquecimento qualitativo das capacidades intelectuais, físicas, emocionais e sociais da criança. É preciso considerar que o desenvolvimento infantil ocorre de maneira articulada e interativa às fases do desenho. Assim, faz-se necessário ponderar e compreender, na presente seção, sobre a inserção e implementação do desenho na prática pedagógica da Educação Infantil, de modo que possamos refletir a respeito da importância do papel do professor à expressão da criança.

Inicialmente, tomamos como referência as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), Brasil (2009) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Brasil (2017). Estes documentos dispõem a educação de qualidade, como um dos direitos da criança. Esse direito é concretizado no acesso ao aprendizado a variadas linguagens, apropriação de conhecimentos e do mundo que a cerca, que vise o seu desenvolvimento global.

Nas diferentes linguagens expostas nos documentos anteriormente citados, retomamos que o desenho se faz uma linguagem, pela qual a criança se expressa. A proposição e inserção do desenho na prática pedagógica pode ser um caminho rico, o qual amplia outros aprendizados e promove desenvolvimento integral da criança.

Nesse sentido, Beilfuss (2015), aponta que é por meio do trabalho efetivo com a arte e todo o processo que nela acontece, a criança vai desenvolver sua formação cognitiva, seus laços afetivos e a sua expressão corporal. No entanto, a autora alerta que “as questões pedagógicas relacionadas ao Ensino da Arte ainda não são fáceis de serem abordadas na instituição infantil devido ao histórico voltado ao assistencialismo” (BEILFUSS, 2015, p. 12-13).

A autora ressalta que a capacidade criadora da criança começa a ser elaborada mediante as vivências e situações na dinâmica escolar, propostas em especial pelo professor da educação infantil, o qual é um importante mediador nesse processo. Assim, “o professor deve estar sempre renovando seus conhecimentos na prática pedagógica do desenho infantil” (SILVA, 2015, p. 30). Ou seja, o avanço na capacidade criadora da criança, vai depender em grande parte do tipo de mediação do professor cumpre junto a ela.

Silva (2015) ressalta ainda que, a relação do desenho com a prática pedagógica, repercute na formação infantil para além da esfera escolar, estende-se ao contexto social, e cultural que a criança se insere. Isso porque, o ato de desenhar aprimora a criatividade, a autonomia, a liberdade expressiva, bem como, incentiva o grafismo e a motricidade na criança.

Todavia, Barbosa (2018) destaca que, a proposta pedagógica na Educação Infantil, no que diz respeito à trabalho efetivo com a evolução gráfica, precisa ser organizado de maneira intencional. Assim, de acordo com a autora, a criança pode experimentar, explorar, compor os elementos e recursos disponíveis, internalizando os significados e símbolos da realidade.

Enquanto desenha, a criança se relaciona com o outro, com o mundo ao redor. Ela produz, reproduz e simbolicamente, conversa e interpreta. A criança representa e narra sua própria história, por meio de sua criação, e desse modo constrói sua autoria e autonomia (SPILERE, 2018, p. 25).

Mas, é necessário que haja a estimulação e não a imposição de limites à criança, no que se refere ao desenho, às suas produções artísticas. Segundo Santos (2015),

muitas escolas infelizmente ainda trabalham com um ensino tradicional, trazendo o desenho como algo padronizado, ou seja, um modelo a ser seguido. E a internet disponibiliza cópias de imagens que são xerocadas para as crianças pintarem. Para fazer um desenho, não tem que ser da mesma forma como aprendeu, ou seja, seguir um modelo único. A criança precisa criar (SANTOS, 2015, p. 2).

Em concordância com Santos (2015), Guimarães (2019, p. 4) ressalta que, “a exploração de muitos materiais, com tamanhos, formas e cores diferenciados, tais como giz de cera, carvão, lápis de cor, pincéis, tinta, palitos, terra, papelão, etc. permitirão uma experiência mais rica e criadora”.

Desta forma, é fundamental que a escola, juntamente com o professor proporcionem esse momento, porque,

a criança quando desenha vive e age intensamente, muda, principalmente, a si mesma, e sem intenção ela pode mudar, inclusive, seu ambiente. Sua garatuja vai evoluindo com seu crescimento, em um processo que se retroalimenta e resulta no desenvolvimento da forma estética e do desenho. (GUIMARÃES, 2019, p. 5)

A mesma autora salienta que, devemos superar o “conceito errôneo” de que o desenho deva ser usado como um passatempo, pois este possui profunda importância, visto que mostra a percepção da criança sobre o mundo.

Ao compartilhar das ponderações de Guimarães (2019), Ferreira (2008, p. 21) diz que “o desenho é para a criança um campo imaginário em que ela poderá desenvolver a imaginação criadora”. Ao dar oportunidade para a criança desenhar, o mediador encontra caminhos pedagógicos para que ela possa explorar sua capacidade criadora, que expresse seus sentimentos e emoções.

De acordo com Spilere (2018, p. 20), “é necessário que os pedagogos tenham esse olhar diferenciado enquanto a criança desenha, observando, conhecendo, dialogando e procurando entender o que ela expressa por meio do seu desenho”. No entanto, parece que alguns professores que atuam na Educação Infantil têm muito a aprender, pois Spilere (2018) assevera que,

o desenho não é utilizado de forma objetiva pelo pedagogo, muitos deles tratam o desenho como uma atividade para complementar outra, por exemplo, ao final de uma contação de história a professora pede: “Desenhe o que mais gostou da história [...]”. Com isso, os professores acabam deixando de lado alguns processos importantes que podem ser observados no desenho infantil [...] (SPILERE, 2018, p. 22).

Por outro lado, Costa *et. al* (2017) afirma que quando a criança desenha com toda liberdade, a atividade se torna prazerosa, interativa e atrativa. Os autores observam que,

o desenho facilita a comunicação das crianças e sua livre expressão dado o fato de que mesmo aqueles mais introspectivos no momento da realização do trabalho artístico

depositaram no papel seus sentimentos e desejos (COSTA, 2017, p.6).

Ferreira (2008) lembra que quando se trata de desenhos infantis, deve-se eliminar as comparações entre as produções das crianças. Assim, também não devem existir avaliações, visto que não há maneira de se avaliar algo que foi criado, que nasce de pensamentos, emoções e vivências da criança pequena.

É comum pensarmos que o desenho é apenas uma prática por se usar, fisicamente, apenas a mão, esquecendo-se do pensar. Porém, devemos lembrar que em toda ação há um conceito, em toda prática há uma teoria, portanto, em todo pensar há um fazer. Assim, Santos adverte que,

muitas vezes, o desenho não é visto como atividade importante na escola, o que acaba desvalorizando e limitando o seu espaço como atividade fundamental para o desenvolvimento cognitivo e também emocional da criança. Assim, na prática, os professores têm desconhecido o modo de ser da criança como ela é, como sujeito que vive num momento em que predominam o sonho, a fantasia, a afetividade, a brincadeira, as manifestações de caráter subjetivo (SANTOS, 2015 p. 2).

Desse modo, o desenho, assim como todo ensino deve ter a sua importância no contexto da prática pedagógica sem que haja imposição de como ela deve fazer, mas a valorização da sua criação.

Quando se valoriza a cópia e a perfeição a criança se retrai e perde o interesse em qualquer atividade que envolva o desenho. É preciso que a criança se sinta livre de modo a expressar seus sentimentos sem padrões ou estereótipos. E por fim, ao destacar-se o papel do mediador, ao desenhar, é necessário que tenha alguém ao seu lado para senti-la, para ouvi-la e para entendê-la. Que sensacional seria, se esse alguém fosse o professor da criança pequena!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa observou-se que o presente estudo possibilitou a compreensão das fases de desenvolvimento do desenho na educação infantil

bem como a importância do desenho inserido como prática pedagógica. Assim, o objetivo era refletir sobre a inserção do desenho como uma ferramenta de auto-expressão da criança pequena, no contexto da prática pedagógica da Educação Infantil. Diante das leituras e estudos com os autores contemporâneos e os trabalhos científicos realizados por futuros docentes, vemos a importância do ato de desenhar para expressão das elaborações internas da criança pequena contribuindo na defesa de que a criança precisa desenhar livremente.

Sendo assim, entendo que desde a primeira fase do desenho, a criança estabelece suas relações do mundo interior para o exterior manifestando pensamentos, sentimentos, emoções, percepções e sua imaginação. E ao permitir que a criança desenhe, não só como passatempo, mas como uma atividade significativa, é proporcionado a ela construir seus pensamentos e expressar suas ideias.

À vista disto, a importância do papel do professor neste processo é extraordinária, pois mediante a observação e mediação no ato de desenhar, permite a ele conhecer, compreender e ouvir a criança. Através da mediação deve ocorrer valorização e o incentivo à criação, propiciando condições de liberdade para auto-expressão desde os seus rabiscos desordenados até os desenhos em que dominam seus movimentos.

Para isso, o professor como mediador, necessita focar um novo olhar para a prática do desenho, como uma atividade que trabalhe muito mais do que apenas o desenvolvimento motor na criança. Ao proporcionar a ela o ato de desenhar de formas diferentes, o professor estimula sua criatividade favorecendo seu desenvolvimento emocional e a sua aprendizagem como um todo.

Do ponto de vista social, compreendemos que o presente estudo pode beneficiar a família, para que os próprios pais saibam vivenciar essa experiência com o filho, estimulando-o ao desenhar sempre mais, de maneira ativa.

No âmbito da Educação Infantil, constatamos a fundamental importância de o professor proporcionar à criança novas oportunidades para exploração de objetos, superfícies, materiais, para enriquecer e ampliar suas perspectivas de criação, expressão, imaginação e desenvolvimento integral.

Com relação a nós estudantes da área de Pedagogia, bem como daqueles de Artes Visuais, pontuamos e insistimos sobre a necessidade de conhecer como vem sendo entendido este tema nos últimos anos. A organização de estudos, de forma sistematizada é de extrema relevância, para que nós, como futuros docentes façamos diferença na prática pedagógica com a criança pequena. Para que a inserção do desenho como prática pedagógica tenha seu lugar valorizado sobretudo por ser uma linguagem profícua da auto-expressão, da criança da Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Delfino; CARLA, Daiana. **O desenho infantil**: analisando a evolução na educação infantil. 2018.
- BEILFUSS, Elisangela Marcela. **O desenho na educação infantil**. 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB nº 5/2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF: Diretrizes o Oficial da União, 18 dez de 2009.
- COSTA, Ana Maria de Oliveira da; DE SOUSA, Anna Beatriz; MIRANDA, Alzenira de Carvalho. **A importância do desenho na educação infantil I**. 2017.
- FERREIRA, Aurora. **A criança e a arte**: o dia-a-dia na sala de aula. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2008.
- FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- GUIMARÃES, Maria Aparecida Mendes Cardoso. **A criança e a construção do desenho**: uma experiência na educação infantil. Pedagogia-Tubarão, 2019.
- LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua arte**. 2 ed. São Paulo. Mestre Jou, 1977.
- LOWENFELD, Viktor; BRITTAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1996.

LUQUET, George-Henri. **O desenho infantil**. Porto: Ed. Minho, 1969.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: A educação do educador**. São Paulo: Loyola, 1984.

PIAGET, Jean William Fritz. **A formação do símbolo na criança**. PUF, 1948

SANTOS, Viviane Terezinha dos. **O desenvolvimento da criança na educação infantil por meio do desenho**. 2015.

SILVA, Alexandra Rodrigues de Sousa. **A expressão da criança através do desenho na educação infantil**. 2015.

SPILERE, Aline Dagostin; CAMARGO, Gislene. **O olhar do pedagogo para o desenho na educação infantil**. Revista Saberes Pedagógicos, v. 2, n. 2, p. 19-35, 2018.